

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

Três vols., num total de mais de 550 p. com abundante ilustração, constituem as Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular que, sob os auspícios da Sociedade Martins Sarmento, reuniu em Guimarães numerosos arqueólogos vinculados sobretudo pela geografia e também pela investigação a esta área cultural no mês de Junho de 1979, iniciando, assim, uma série de encontros de carácter científico a realizar alternadamente no N de Portugal e na Galiza, no sentido de fazer periódica e sistematicamente o ponto da situação da actividade desenvolvida no sector.

No vol. I estão publicadas as comunicações da 1.^a secção do Seminário, sobre Megalitismo — Idade do Bronze, contendo, entre outros, os trabalhos de Vítor e Susana O. Jorge e A. A. Huet Bacelar na Sera da Aboboreira (Baião), designadamente, a escavação de uma mamoa e de fossas ovóides abertas no saibro desse complexo arqueológico de que também se apresenta um levantamento cartográfico do conjunto megalítico da autoria de Domingos J. Cruz. Uma cartografia (mapas anexos) dos elementos do «bronze atlântico» no contexto da Pré-história de Portugal de Ph. Kalb e um estudo de M. Priego sobre a origem dos punhais de antenas galaico-asturianos documentam outro tipo de trabalhos, em que se acentua a problemática em torno de áreas e relações culturais dos respectivos períodos pré-históricos.

A 2.^a secção, sobre Cultura castreja-Proto-história (1.^a subsecção), sobretudo no vol. n, ao publicar vários cortes estratigráficos em castros do concelho de Barcelos, no Castro Máximo (Braga) e no Castro de S. Juzenda (Mirandela), denuncia a vontade de conseguir seriações cronológicas que tantas vezes tão arredadas andaram das preocupações dos arqueólogos desta cultura. A mesma vontade, por métodoa laboratoriais, em J. J. Eiroa, «Notas sobre la cronologia de los castros del Noroeste de la Península Ibérica», deslocadas, no vol. I. A comunicação de M. Hock sobre o Castro de S. Juzenda, agora em português e enriquecida relativamente à sua anterior publicação no *Madrider Mitteilungen*, 19, 1978, e outras, sobre castros da Beira Alta, Astúrias e W da Meseta, manifestam o interesse por esta cultura fora da sua área habitualmente privilegiada, cujas estações mais conhecidas não contemplaram as actas deste Seminário, onde também foram apresentados vários estudos sobre outros seus aspectos diversos no âmbito da arqueologia *stricto sensu* (fíbulas, vg.), da arte (gravuras ruprestes) e da economia.

Mais diversificada se manifestou a abordagem dos temas e problemas da Romanização (2.^a subsecção, vol. III), com predominância para a utilização das fontes epigráficas em que novos dados e a revisão de outros permitiram apresentar achegas para o conhecimento da religião (vg., A. R. Colmenero — A. L. Fontes, Culto aos montes, *in specie*, a Larouco; A. Tranoy, «Religion et société à Bracara Augusta (Braga) au haut-empire romain»), organização política e militar (P. le Roux, p. 43-65) e organização social (A. Tranoy, *idem*; G. Pereira Menaut-J. Santos Yanguas, sobre as inscrições com menção de *origo* pessoal, em que tentam, na sequência de debates anteriores, precisões de ordem terminológica, cronológica e funcional das com \supset inscrições

= *castrum/castellum*, a seu ver, em interpretação no quadro do processo romanizador relacionada com a mineração já pelos próprios autores saudavelmente ultrapassada no II Seminário recentemente realizado em Santiago de Compostela). Ainda, para a nossa história rural, a comunicação de J. Alarcão sobre a origem e sobrevivência das *villae* romanas no N de Portugal, a partir da crítica à tese tradicional de Alberto Sampaio. Aspectos da arqueologia de várias regiões noroestinas, como Bracara Augusta, Bouçós (Paços de Ferreira), Três Minas (Vila Real), Miranda (Bragança), etc., de viação romana e circulação monetária completam a série.

Um comentário final: uma planificação organizada, que evitasse as falhas de sequência temática e cronológica, a inexistência de um índice e outros erros, vg., até uma certa duplicação, e um maior equilíbrio de composição que eliminasse, por ex., sobrecarga de ilustrações em certos trabalhos contra a sua deficiência em alguns outros, bem como a publicação dos debates teriam valorizado este contributo sério que mais uma vez a Sociedade Martins Sarmento, volvidos quase cem anos sobre a sua fundação, se dignou prestar à arqueologia peninsular.

JEAN GUILAINE, *La France d'Avant la France — du Néolithique à l'Age du Fer*, Paris, Hachette, 1980.

Alguns anos depois de ter escrito uma síntese da Pré-história recente do Mediterrâneo Ocidental (*Premiers Bergers et Paysans de l'Occident Méditerranéen*, 1976), Jean Guilaine apresenta-nos agora igual tentativa para a França, mas dirigida ao grande público. Tentativa à partida difícil, pela diversidade de aspectos culturais que este país conheceu durante a Pré-história (o próprio autor nos fala de três «províncias» pré-históricas, integradas em outras tantas áreas culturais europeias, a mediterrânica, a atlântica, e a continental), mas de algum modo facilitada pelo balanço feito recentemente pelos pré-historiadores franceses, com coordenação do próprio Guilaine, no II.º tomo de *La Préhistoire Française*, intitulado *Les Civilisations Néolithiques et Protohistoriques de la France* (1976). Aliás, o fascínio da Pré-história francesa reside precisamente no facto de ela se encontrar numa posição charneira e de algum modo «resumir» em si própria a Pré-história do Ocidente europeu, no que ela tem de influências e de criações profundamente originais.

O livro está organizado cronologicamente, e tem uma pequena introdução sobre os antecedentes paleolíticos; vêm a seguir capítulos sobre a neolitização e o Neolítico antigo, o megalitismo, o Neolítico médio, o Neolítico final-Calcolítico, o Bronze antigo e médio, o Bronze final e a época de Hallstatt, terminando o livro com uma pequena referência à segunda Idade do Ferro. A obra, bem ilustrada, tem a vantagem de ser escrita por um especialista que dá o necessário ênfase às linhas de força que vêm orientando a investigação recente. Discordamos do tratamento do megalitismo num capítulo à parte, pois pensamos que só há vantagem em articular esse fenómeno com outros aspectos culturais, acentuando assim melhor o seu longo tempo de perduração. Por outro lado, custa-nos a aceitar a emergência do megalitismo atlântico como uma «explosão», parecendo-nos que não está ainda bem definida na Bretanha, por ex., a passagem do Mesolítico à neolitização. Monumentos como Barnenez são muito antigos, é certo, mas pressupõem certamente uma fase anterior de adaptação à economia agrícola, que não está ainda bem esclarecida no mundo atlântico (cf. o caso da Inglaterra e da Irlanda). Vemos melhor o megalitismo como um índice da «conquista do solo» de que o autor fala no III.º Cap.

De um modo geral, podemos dizer que a obra constitui uma útil visão de conjunto, chamando a atenção para as estações mais importantes de cada período, articulando a evolução pré-histórica com o quadro paleoecológico (aspecto em que a França vem tentando ultrapassar o seu atraso relativamente aos países de língua inglesa), fazendo-se eco das preocupações paleoetnológicas que caracterizam a Pré-história actual (a qual tem vindo cada vez mais a assumir-se como uma ciência humana). Há muito que a Pré-história francesa deixou de ser a Pré-história do Paleolítico e este livro de Guilaine, na esteira de obras clássicas como a de Bailloud e Boofzheim (*Les Civilisations Néolithiques de la France dans leur contexte européen*, 1954) é disso expressivo exemplo.

V. O. Jorge

MARIA DA CONCEIÇÃO MONTEIRO RODRIGUES, *Sepulturas Medievais no Concelho de Castelo de Vide*, Lisboa, Junta Distrital de Portalegre,

Esta publicação revela vários núcleos de sepulturas medievais, de inumação (16 + 7 + 1 + 2 + 1) eo espólio delas proveniente constando de 12 vasos de cerâmica, 2 fivelas de ferro e 1 (?) de bronze, 1 espada (?) de ferro e 1 anel de bronze com capa de ouro, de que apresenta desenhos e fotografias, tratado, conforme a autora, «segundo técnicas modernas de investigação científica aplicadas no domínio das Ciências Sociais de que a Arqueologia faz parte» (p. 7), seguindo uma metodologia de procedência francesa, em moda a quando da elaboração do trabalho, distanciando-se, formalmente, neste particular, em muitas centenas por cento, relativamente à *Carta Arqueológica de Castelo de Vide*, Lisboa, 1975, de que o presente estudo é suplemento.

Na 1.ª parte, apresenta o estudo das sepulturas segundo a «ficha-tipo» inserida no *Projet de Constitution d'une Charte Archéologique de la France* (p. 11), com um quadro sinóptico, concentrando o estudo do espólio em dois quadros, e na 2.ª parte, um «ensaio de seriação e classificação dos dados através do cálculo».

Sobre esta obra, permitimo-nos fazer as observações seguintes: do ponto de vista geral, e não esquecendo que a «Arqueologia faz parte do domínio das Ciências Sociais», é manifesto um desajustamento entre as conclusões e os objectivos propostos, sendo de assinalar a falta de análise dos ritos ou costumes funerários e de precisão cronológica (para o que a palavra «medieval» é, obviamente, insuficiente), devendo, em nosso entender, pela regularidade das estruturas, características do espólio e alguns paralelos, designadamente dos aspectos tecnológicos da cerâmica e tipológicos dos metais, datar-se com muita probabilidade da época visigótica; do ponto de vista metodológico, o ensaio da 2.ª parte, em que se utiliza um número tão insignificante de objectos para operações a ser realizadas através do cálculo, pode considerar-se mais a proposta de um modelo do que qualquer outra coisa; do ponto de vista gráfico, poderia ter sido procurada uma maior adequação do formato do texto (= fichas) e alguns outros aspectos poderiam ser melhorados; também, a planta do cemitério maior (fig. 4, p.53), sobretudo esta, em esquematismo exagerado, mereceria melhor tratamento em moldes de desenho de arqueologia de campo.

Não deixa, todavia, de poder reputar-se mais um contributo, pelos dados que divulga e pela intenção metodológica, sobretudo se atendermos ao panorama desolador da Arqueologia medieval em Portugal.

A. C. F. da Silva

MARIA R. - ALFÖLDI, *Antike Numismatik*. Teil I, *Theorie und Praxis*. Teil II, *Bibliographie* (Kulturgeschichte der Antiken Welt, 2-3), Mainz, Philip von Zabern, 1978, XLV + 1-218, XXIV + 219-323 págs., 45 est, 13 figs. no texto, 7 mapas.

O primeiro volume desta obra é um bom ponto de partida para todos aqueles que desejam iniciar-se na numismática antiga. Nos cinco primeiros capítulos, após definir e historiar a evolução da numismática antiga, a A. aborda alguns aspectos fundamentais da investigação numismática dos nossos dias, muitas vezes ignorados em manuais similares, como é o caso do estudo das identidades, dos cunhos, da metrologia, da metalografia, da estatística aplicada aos estudos numismáticos, etc. Entre as págs. 71 e 218 a A. faz uma introdução às moedas gregas, célticas (cerca de uma página de texto deste capítulo é dedicada às moedas da Península Ibérica cunhadas até 49 a.C), romanas, bizantinas, «bárbaras» e aos objectos monetiformes, acompanhadas por um número suficiente de ilustrações de grande qualidade.

No segundo volume, para além de 20 estampas com ampliações fotográficas de moedas, é apresentada uma extensa bibliografia com cerca de 2800 títulos, publicados até 1975, a partir da qual todo o leitor interessado poderá ampliar os seus conhecimentos sobre numismática antiga.

Uma palavra final para o cuidado trabalho tipográfico e para a atraente cartonnagem desta obra.

R.M.S. Centeno

LEANDRE VILLARONGA, *Numismática Antiga de Hispania. Iniciación a su Estudio*, Barcelona, Editorial Cymys, 1979, [VIII] + 350 + [II] págs., 1175 figs. no texto, 4 ests.

ANTÓNIO M. DE GUADAN, *La Mcneda Ibérica. Catálogo de Numismática Ibérica e Ibero-Romana*, Madrid, Cuadernos de Numismática, 1980, IX + 358 págs. 1063 figs. no texto, 8 ests., 8 mapas.

Com a publicação destes trabalhos assinados por Villaronga e Guadán, os interessados na numismática antiga da Península Ibérica passam a dispor de mais dois instrumentos de estudo e consulta de grande qualidade.

A obra de Villaronga é, sem dúvida, o manual de numismática antiga da Península melhor conseguido, ultrapassando em quase todos os aspectos os compêndios já clássicos de A. Beltrán (*Curso de Numismática*, 2.^a ed., Oartagena, 1950) e A. M. de Guadán (*Numismática Ibérica e Ibero-romana*, Madrid; 1969). Nos primeiros capítulos (p. 5-93) o A. faz uma abordagem, muito clara, à moeda antiga e aos métodos e problemas da investigação em numismática. Merecem referência especial os capítulos consagrados à metrologia, estatística e achados monetários, assuntos já desenvolvidos pelo A. em trabalhos anteriores.

Contudo, a parte de maior interesse do livro é a dedicada ao estudo das moedas ibéricas e ibero-romanas. O A. não se limita a fazer observações de carácter geral sobre as diversas emissões mas chega a aprofundar alguns aspectos mal conhecidos ou problemáticos da numismática peninsular (vg., leitura e interpretação de algumas legendas, problemas ponderais, evolução estilística, localização de alguns ateliers, etc). Uma preocupação constante de Villaronga foi a de apresentar uma seriação cronológica, o mais rigorosa possível, das emissões dentro de cada atelier monetário utilizando, entre outros, dados metrológicos, estilísticos, tipológicos e os fornecidos pelos achados monetários, o que faz deste manual um precioso complemento aos vários catálogos de moedas ibéricas onde a ordenação cronológica do material é apresentada, por vezes, empiricamente ou sem grande precisão.

O livro de Guadán é um bom catálogo das moedas antigas mais representativas da Península com a particularidade de todos os exemplares descritos serem ilustrados. Na ordenação das peças o A. retomou com ligeiras alterações e uma maior afiniação cronológica, o esquema já por si publicado em trabalho anterior (*Numismática Ibérica e Ibero-romana*, Madrid, 1969, p. 119-153). Entre as p. 273-299 o A. faz algumas observações de utilidade sobre os graus de conservação, tipos de patina — apoiado em excelentes estampas coloridas — e ainda sobre a limpeza e preservação das moedas. Este catálogo teria sido valorizado se incluísse uma introdução, ainda que breve, à moeda ibérica onde o leitor menos informado se pudesse familiarizar com a numismática peninsular na Antiguidade, ainda que esta omissão tenha sido deliberada (Cfr. p. V).

A obra de Guadán é acompanhada por um folheto de vinte páginas, a publicar anualmente, com uma lista de valores estimativos das moedas catalogadas. O A. divulga um sistema de avaliação de moedas (INBECORA) que considera, para além do metal, o interesse histórico, a beleza artística, a conservação e a raridade de cada peça.

Característica comum dos dois trabalhos é a ilustração abundante e de boa qualidade apresentada juntamente com o texto. A impressão do texto e gravuras na mesma página é cómoda sobretudo no livro de Guadán, por se tratar de um catálogo.

Ao contrário do que se verifica no trabalho de Guadán, onde nem sequer uma bibliografia sumária é assinalada, o compêndio de Villaronga contém uma relação de 247 títulos agrupados por temas que permitirá ao leitor aprofundar os seus estudos.

Como comentário final podemos referir que, apesar dos seus objectivos distintos e de se dirigirem a públicos diferentes — contrariamente ao manual de Villaronga, o catálogo de Guadán destina-se principalmente ao coleccionador —, estas duas obras completam-se sendo elementar a sua consulta.

R. M. S. Centeno

